

## MULHERES DO HAITI, VIDA CUIABANA: AFETOS, PRECONCEITOS E IDENTIDADE

Fernanda Elisa TRINDADE, (UFMT)<sup>1</sup>

Pedro Pinto de OLIVEIRA (UFMT)<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho analisa o processo de produção de um filme documentário, no modo Jornalismo Cinematográfico, sobre a rede de relações e afetos de cinco mulheres haitianas que vivem em Cuiabá. A mudança de país e de cotidiano foi um acontecimento na vida delas. Nosso objetivo é refletir sobre o cotidiano dessas mulheres que lutam para sobreviver em um novo lugar e que enfrentam novos e velhos desafios, o velho aqui, pelo ponto de vista de gênero, é o machismo e a desigualdade de oportunidades no contexto latino americano. Tomamos para angular o nosso olhar a noção de Acontecimento de Louis Quéré e Vera França e as noções entre Comunicação e Cotidiano da fenomenologia social de Alfred Schutz e do pragmatismo clássico de John Dewey. Como procedimento metodológico, tomamos o gesto da professora Ivana Bentes de análise filmica que relaciona a temática social à construção dos elementos de significação e da professora Manuela Penafria de unidade do gênero documentário.

**Palavras-chave:** Comunicação. Jornalismo. Cinema. Acontecimento. Gênero.

**Abstract:** The present work analyzes the process of producing a documentary film, in the mode Cinematographic Journalism, about the network of relations and affections of five Haitian women who live in Cuiabá. The change of country and daily life was an event in their lives. Our goal is to reflect on the daily life of these women who struggle to survive in a new place and who face new and old challenges, the old here, from the point of view of gender, is the machismo and the inequality of opportunities in the Latin American context. We take to look at the notion of the Event of Louis Quéré and Vera France and the notions between Communication and Daily life of Alfred Schutz's social phenomenology and the classic pragmatism of John Dewey. As a methodological procedure, we take the gesture of Professor Ivana Bentes of film analysis that relates the social thematic to the construction of the elements of signification and the teacher Manuela Penafria of unity of the documentary.

**Keywords:** Communication. Journalism. Cinema. Event. Genre.

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Fernanda Elisa Trindade. Jornalista pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT); E-mail: [fernanda\\_p.c@hotmail.com](mailto:fernanda_p.c@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e orientador do trabalho. E-mail: [ppo@terra.com](mailto:ppo@terra.com)

Marie vende meias no centro da cidade. Chantal cuida da casa e dos filhos. Duliana também cuida da filha, mas trabalha o dia todo para mandar dinheiro à sua família. Margalie sonha em ser dentista. E Mureille, mais independente, vive trabalhando. Essas são as testemunhas do meu filme, que se enquadra no eixo do jornalismo cinematográfico. Decidimos sair do comum audiovisual documentário, para ir às fronteiras fluidas da literatura do fato, ficção e arte.

Fome, superpopulação e guerras são alguns dos muitos motivos que levam um indivíduo a abandonar sua vida e história em um lugar. A migração haitiana não acontece por causas diferentes. O Brasil e o Haiti mantêm laços históricos. Em 2010, essa migração começou a ocorrer pelo terremoto que atingiu e devastou o Haiti. Contudo, já faz oito anos desse desastre e como está esse povo que migrou para Cuiabá. Muito se aborda e se vê homens haitianos, mas e o gênero feminino? Onde estão essas mulheres?

Neste sentido, o objetivo deste experimento foi produzir um filme no modo jornalístico cinematográfico, sobre a vida das mulheres haitianas imigrantes em Cuiabá. Conseguimos discorrer de forma mais aprofundada sobre o contexto da migração haitiana para a capital mato-grossense. A ideia foi de mostrar a realidade da migrante que chega ao Estado de Mato Grosso, através das histórias de vida dessas mulheres que abriram suas casas para relatar como foi chegar até aqui e como são suas novas vidas. Será que essas mulheres querem um dia voltar ao seu país de origem? Como reconstruíram suas vidas em um lugar aparentemente tão distinto? Quais foram suas primeiras impressões? Quais são seus anseios, sonhos e aspirações para o futuro? Essas foram algumas perguntas que iniciaram um diálogo com cada uma das cinco personagens, que aqui as chamo de testemunhas.

O jornalismo cinematográfico possui uma certa autonomia que abre portas para experimentações que não têm espaço dentro da imprensa tradicional. Tudo isso, a fim de suprir uma carência de produção nas reportagens, que são uma ampliação do simples relato mais raso. Dessa forma, esse modo do jornalismo cinematográfico cumpre com um papel ambicioso, no sentido de potencializar a informação pela forma e explorar a estética do cinema com o relato jornalístico.

Para isso, o eixo teórico de construção do meu olhar vem da noção de Acontecimento em Louis Quéré e Vera França, e Comunicação com as noções da

fenomenologia social de Alfred Schutz e do pragmatismo clássico de John Dewey, explorando o modo do Jornalismo Cinematográfico.

Portanto, através do olhar de cinco testemunhas que vieram do Haiti e que hoje vivem na capital mato-grossense, descobrimos como é chegar em um país completamente diferente de sua terra natal. Sem conhecer ninguém e sem saber falar o português e de como elas nos percebem, como é esse olhar estrangeiro que busca compartilhar um lugar em nossa comunidade. O filme pretende quebrar preconceitos, abrir portas para a empatia e mostrar o cotidiano dessas mulheres que muitas vezes passa despercebido, uma invisibilidade tão indiferente quanto cruel.

## FUNDAMENTOS PARA O OLHAR

O processo de imigração haitiana ao Brasil iniciou-se em 2010, após um terremoto de 7 graus na escala Richter praticamente devastar o Haiti. Esse movimento migratório se dava em busca de melhores condições de vida, oportunidades de trabalho e estudos. Esse acontecimento ganhou, então, uma notoriedade pública a partir de um intenso fluxo de informações e imagens produzidas e difundidas pela mídia brasileira em torno de seu ingresso, através da fronteira da região norte do Brasil.

A situação relatada brevemente aqui aborda um acontecimento público que afetou e ainda afeta a sociedade brasileira por conta das consequências para o presente. Nos primeiros dois anos após o terremoto no Haiti, a capital mato-grossense ficou lotada pela intensa chegada dos haitianos. Nesse sentido, o conceito operador que me guia para esta base teórica foi o acontecimento de Vera França e Louis Quéré.

Consequentemente, a migração haitiana para Cuiabá é um acontecimento que ainda marca a experiência social, isso porque as pessoas vivem suas reverberações. Segundo Vera França (2012), o acontecimento desloca a experiência do sujeito, ou seja, o indivíduo tem sua rotina alterada por determinado fato. Esse conceito tem um contexto definido e é essencial para apreensão da nossa noção de construção de memórias coletivas. O acontecimento, segundo Vera (2012, p. 12):

Trata – se de uma palavra banal, que usamos fartamente no nosso dia a dia, tanto para nos referirmos ao que acontece conosco ou ao nosso redor, como para falar das ocorrências do mundo. Mas é necessário problematizar um

pouco mais a palavra e o conceito. Se as coisas acontecem o tempo todo, nem todas tem o mesmo peso, o mesmo poder de afetação. Chamamos então acontecimento os fatos e as ocorrências que se destacam ou merecem maior destaque.

Sendo definido como uma instância do conhecimento, ele faz pensar, intriga, promove buscas e investigações.

O estudo do cotidiano dessas experiências de vida das haitianas permite observar o que as afetam, como elas vivem e quais são seus sofrimentos. O que essas mulheres ainda esperam do futuro depois de oito anos da sua migração? Como elas vêem o cotidiano, a cultura cuiabana? E o principal ponto são elas. Construimos uma narrativa jornalística a partir do testemunhal, sob o ponto de vista delas. Se já é difícil para um imigrante homem, imagina como é para uma mulher. Por isso se faz necessário a análise do cotidiano.

Seguindo esse raciocínio, para Pedro Pinto de Oliveira (2017, p.12), uma das contribuições de Alfred Schutz e John Dewey para a comunicação foi “de ver as práticas sociais a partir dos seus respectivos processos comunicativos postos em ação no cotidiano”.

A comunicação é tão instrumental quanto final, e a contribuição de Schutz e Dewey é de aprender essas instancias em ação, sempre, nas tensões, conflitos, interdições ou em consonância e acordos, do compartilhar, nos diferentes contextos e com atores sociais atuando nesses contextos (OLIVEIRA, 2017, p.12).

O cotidiano é a experiência sensível dessas mulheres. Através do olhar delas que vieram do Haiti e que hoje vivem na capital mato-grossense, é possível descobrir como é chegar em um país completamente diferente do seu país de origem, sem conhecer ninguém e sem saber falar o idioma local. Numa tomada *deweyana*: “A linguagem é sempre uma forma de ação, e em seu uso instrumental é sempre meio de ação organizada para um fim, enquanto, ao mesmo tempo, encontra em si própria todas as recompensas de suas consequências possíveis” (OLIVEIRA, 2017, p.12).

Portanto, o Brasil é internacionalmente reconhecido como um país acolhedor e solidário, tanto para refugiados, quanto para os imigrantes e asilados políticos. Essas pessoas não buscam apenas oportunidade de melhor vida, mas sim, de se manter vivos.

E, essa ideia interfere no cotidiano, onde cada mulher em Cuiabá tenta uma vida melhor, bem como, se faz um acontecimento em suas experiências.

## JORNALISMO CINEMATOGRAFICO

Partindo desta primeira fundamentação se faz necessário entender onde essa produção se apoia. O filme foi concebido pela exploração da potência que o Jornalismo Cinematográfico oferece à narrativa proposta. Escolhemos ousar mais que o documentário jornalístico tradicional, porque com o cinema, a produção incorpora a arte como parte da informação, uma aproximação e transgressão das linhas que demarcam os diferentes sistemas de significação.

É no campo do jornalismo e cinema que uma questão fundamental tem condição de se manifestar a ponto de qualificar as narrativas: a autoria. Esta pode enunciar-se de diversas maneiras, de forma objetiva e subjetiva, operando, por exemplo, no tom do texto, na presença física do realizador e na qualidade da relação que se estabelece, do diálogo com os entrevistados.

A arte é de extrema importância para a liberdade na autoria. Assim, ao se aproximar da poesia, o jornalismo cinematográfico pode tentar se distanciar de um tipo de jornalismo com viés restritivo, ligado a manuais, veículos consolidados e a práticas industriais de produção e consumo. Como, por exemplo, aquelas produções diárias de uma redação de TV, que muitas vezes não tem tempo para elaborar mais a produção. Desse modo, por abordar questões da ordem do simbólico, racional e da emoção, o cinema e o jornalismo são capazes de produzir postura diferente, formando um espectador especial.

“O cinema que se dedica ao real é, neste sentido, capaz de uma invenção ficcional mais forte que o cinema de ficção, que se dedica facilmente a certa estereotipia das ações e dos tipos característicos”. (RANCIÈRE, 2005, p. 56-57). Permitindo dessa forma, que fique aparente uma fronteira já existente: o fato e a ficção. “Assim como na literatura se estende para ambos os lados dessa fronteira, o mesmo faz a verdade. A verdade é o outro continente ao qual os estados de fato e de ficção pertencem igualmente” (ASH, 2011, p. 387). Com isso, a partir do momento que entendemos que cada pessoa tem uma interpretação diferente das outras sobre qualquer coisa da

realidade, deixamos claro que o jornalismo, cinema e arte se complementam. Dessa forma, a testemunha, por exemplo, vai descrever as memórias a partir de sua lembrança.

O surgimento do cinema ocorreu por volta de 1895, com os irmãos Auguste e Louis Lumière. Em todos os países onde o cinematógrafo chegou, a sua função na época era transformar cenas do cotidiano em filmetes. Como por exemplo, funcionários saindo do trabalho, pessoas andando pelas ruas, cenas familiares, entre outros. Qualquer ação da comunidade era motivo para produção cinematográfica e apesar de muitas vezes serem simples, ganhava notoriedade pela sociedade, que começava a gostar do cinema.

“De acordo com Luiz Beltrão, essas imagens eram utilizadas como material jornalístico para os cinejornais ou jornais cinematográficos, que passaram a ser produzidos a partir de então, ficando Mesguich conhecido como o primeiro cine-repórter do mundo” (SANTOS, 2009, p.25). Por esta consequência, muitos teóricos consideram que os cinejornais marcaram o surgimento efetivo do jornalismo cinematográfico. Assim, esses jornais cinematográficos conquistaram rapidamente o público, porque como ocorre hoje, com a globalização e o mundo se tornando cada vez mais rápido e curtas notícias, as informações visuais eram facilmente absorvidas.

Nesse contexto, consideramos fundamental lembrar o nome da primeira mulher cineasta, em todo o mundo, Alice Guy Blaché delineou o seu pioneirismo pela simultânea percepção de todas as possibilidades artísticas e políticas do cinema, para além do seu caráter de entreterimento (PEREIRA, 2016, p.434).

Dessa forma, é possível considerar que o cinema está no domínio das artes, tem um caráter estético e, além disso, se relaciona com os gêneros. As mulheres também podiam ter voz na arte, o que fazia reconhecer sua linguagem.

Resultado da súmula de todas as restantes artes, a sétima teria assim o poder de documentar acontecimentos, ficcionar e/ou transmitir valores e mensagens ou menos políticas, o que naturalmente seria recepcionado pelas primeiras mulheres cineastas de diferentes formas (PEREIRA, 2016, p.438).

Com uma breve contextualização sobre a história do jornalismo cinematográfico, é possível observar que a narração não está restrita apenas ao campo

das artes. O jornalismo também se dedica ao ofício de contar histórias. E é justamente isso que realizamos nesta produção. A escolha por esse viés de produção se deu pela liberdade de juntar fato e ficção, arte, cinema e jornalismo para cotarmos histórias de vidas. A criação fica mais rica tanto em nível de estética, quanto no campo da comunicação. É claro que o compromisso com a informação verdadeira é usado, até por se tratar da ética jornalística. Mas isso, pode ser narrado e aproveitado para uma produção melhor elaborada e pensada. Era isso que pensava a todo momento nas gravações com minhas cinco testemunhas. Sempre tentava extrair o que cada uma podia colaborar na criação artística.

Atualmente alguns documentaristas trabalham com esse modo do jornalismo cinematográfico e possuem trabalhos relevantes. O jornalista David Gyimah é um exemplo, recebeu diversos prêmios de inovação em jornalismo e defende que um estilo cinematográfico, mesmo nas reportagens, pode ser mais adequado. Atualmente, como professor na Universidade de Westminster, David ressalta a diferença entre jornalismo cinematográfico do vídeo tradicional. As vantagens dessa plataforma para ele é principalmente a tendência para ficar na memória do público.

Outros nomes como Rick Young e Judith Dwan Hallet que são produtores, já experimentaram trabalhar nesse modo jornalismo e cinema em vários projetos, e dialogam que se beneficiaram nessa troca de experiências. Assim, apesar de ainda ser pouco difundido, o jornalismo cinematográfico vem para agregar tanto ao cinema, quando ao jornalismo as formas inovadoras de produções. E os grandes nomes de documentaristas, já escolhem defender esse novo estilo.

## **O GESTO ANALÍTICO DE IVANA BENTES E MANUELA PENAFRIA**

Como procedimentos metodológicos, tomamos a apreensão da professora Ivana Bentes, analisando a construção do seu filme pela relação da temática como as formas da montagem fílmica. E também, a professora Manuela Penafria acrescentando a noção de unidade do documentário.

O documentário nasceu com o cinema, o que nasceu com o cinema foi o princípio de toda a não-ficção: filmar os atores naturais, a espontaneidade do seu gesto e o meio

ambiente que os rodeia. A não-ficção coincide, pois, com a invenção da imagem em movimento (PENAFRIA, 1999, p.38).

A imagem em movimento utilizada no filme da professora Ivana Bentes, diz muito sobre a importância da não ficção. Ela se apropria do estilo de vida real do lugar onde filma, para apresentar aquele cotidiano que é incorporado as formas.

Para uma produção no estilo de documentário, bem como, o modo do jornalismo cinematográfico, os atores são as próprias pessoas e o cenário, o ambiente em que elas vivem. A palavra *in loco* é de extrema importância neste ponto. “O impulso de registrar o mundo é essencial para o documentário e, mais concretamente, para o documentarista. A câmera de filmar sai do estúdio, vai de encontro ao mundo. As imagens, o principal material do filme é recolhido *in loco*” (PENAFRIA, 1999, p. 39).

Ivana com o documentário “Depois rola o Mocotó”, extrai literalmente este impulso de registrar o real, a favela. No caso da minha produção, não é diferente. O registro das mulheres haitianas no seu espaço diário, permite que o cotidiano seja visto. Observamos aquilo que elas fazem todos os dias, ou seja, levar e buscar o filho na creche ou lavar a louça, por exemplo.

“Estamos no complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. A favela acorda. Os comerciantes abrem suas lojas e ouvimos, sempre em off, uma voz que discorre sobre o valor de uma laje da favela” (BENTES, 2012, p.1). É assim que a professor Ivana contextualiza o cenário do seu filme. Ela discorre sobre as lajes da favela e as imagens são sempre *in loco*. Esse registro tanto fica tanto na memória, quanto no presente. Para a construção do meu filme, tentei ao máximo captar os gestos espontâneos, ações, comportamentos e as atividades das minhas testemunhas. Isso porque, a ideia do cotidiano era mostrar o que cada uma dessas mulheres realizava de fato, para conhecer suas histórias de vida e entender seu dia-a-dia.

Outro ponto importante nesta análise da construção de um filme é a edição. “Para Vertov, a montagem não junta, organiza; é um meio que pode dar ordem ao caos e criar um cosmos” (PENAFRIA, 1999, p.43). O resultado final da edição depende das imagens recolhidas *in loco*, sendo organizadas de maneira coerente. Nesse sentido, o material que eu tinha das gravações eram e deveriam ser a mais, do que as que seriam

usadas. Isso seria importante ainda para uma elaboração aprofundada das imagens filmadas in loco.

Seguimos os preparativos para a construção da laje de duas famílias, mas também os usos coletivos e privados das lajes utilizadas para o culto do Pastor Ruy; o encontro de Telmo e os amigos de Bonde da Laje para assistir a um jogo de futebol regado a cerveja; Aline e a Família Durango mergulhados em uma piscina de tone; os meninos Davi, Geovane e Bill que soltam pipa na laje; os olheiros Manda Bala e Branquinho, que fazem da laje seu posto de observação e dona Vera, dona de casa que usa a laje da vizinha para lavar e estender roupa (BENTES, 2012, p.4).

Visão e reflexão como essa só é possível depois de um bom trabalho com edição. A ligação do documentário com a realidade é estreita. “Ao contrário dos filmes feitos em estúdio que incentivam a fantasia e a imaginação, o documentário registra a vida das pessoas e suas próprias histórias” (PENAFRIA, 1999, p.46). Por isso, as duas professoras que aqui cito, foram essenciais. A percepção de análise para construir um filme é caminho para uma criação em processo.

## **O FILME EM CONSTRUÇÃO: TEMÁTICA E NARRATIVA**

Com um sol de 32 graus na avenida Getúlio Vargas, centro de Cuiabá, minha primeira testemunha vinha ao meu encontro. Marie, chega com uma sacola de roupas na cabeça e segurando sua bolsa. “Hoje cheguei mais tarde, tive que levar minha filha na creche”. Vemos diversas pessoas passando por ela, mas a correria do dia-a-dia não permite que ela seja notada. O caos no barulho do trânsito se abre ao fundo, com uma panorâmica.

A escolha de focar no gênero feminino para minha produção se deu principalmente pela imagem. Diariamente, abrindo sites de notícias e os títulos das manchetes não deixaram dúvidas. Abro uma página na web e vem as manchetes, “Cresce o número de mulheres vítimas de homicídios no Brasil”. “Tentativa de feminicídio contra trans: polícia prende suspeito”. “Nova geração de mulheres está tomando as rédeas de suas vidas”. Se uma coisa está sendo cada vez mais discutida nos

dias de hoje é o feminismo. Apesar do alto índice de feminicídio e dos preconceitos sobre esse movimento, não podemos deixar de falar que as feministas estão conquistando seus espaços. Manifestações na avenida Paulista em São Paulo e na avenida Atlântica no Rio estão mais recorrentes. Não me considero uma ativista, mas sou uma feminista, assim como todas as mulheres.

Em um outro dia, abro páginas de agências internacionais de notícias e me deparo com os refugiados e migrantes. Uma mãe segurando seu filho ainda de colo está em pé, andando no mesmo sentido que uma multidão de pessoas. O bebê está chorando. A mulher carrega ainda, duas mochilas, uma em cada braço e com um tecido da sua roupa, esconde seu rosto. Tive então, curiosidade e pesquisei no mesmo momento sobre a migração das mulheres haitianas. As imagens que resultaram foram algumas mulheres e muitos homens. Foi assim, que me questionei, onde estão essas mulheres? O que elas sofrem, como vivem. O gênero feminino era então minha primeira certeza.

A primeira filmagem com a Marie confirmou minhas pesquisas. Marie, Chantal, Duliana, Margalie e Mureille, todas têm filhos em Cuiabá, devido a união com novos maridos, mas também tem filhos no Haiti, fruto de um antigo relacionamento. Ao se falar de mulher, por si só é uma temática forte. A história da sociedade mundial é machista. As mulheres só conquistaram direitos há pouco tempo, já na modernidade. Nesse sentido, minha definição por falar sobre o gênero feminino se pauta e tem força.

Conversando com a Duliana, que foi minha segunda testemunha, conheci mais sobre a história do Haiti. “Você sabe onde fica o meu país?” Uma ilha do hemisfério ocidental, foi o primeiro país latino-americano que teve independência. “Lá, nos falamos crioulo, francês e muitos falam espanhol. Eu vim para o Brasil, porque a situação lá não está nada boa. Muita gente passando fome. Para estudar, é caro. Já tem muitas pessoas vendendo coisas na rua, para tentar sobreviver”. Cada frase que Duliana falava instigava minha reflexão. Atravessando as tragédias naturais, políticas e econômicas na mais profunda solidão, a cultura das mulheres se resume em ser, responsável por criar os filhos e cuidar da casa. Já os homens, como a maioria dos países latino americanos, são bastante machistas e ainda costumam ser cruéis com as mulheres.

Com as catástrofes, a situação complica ainda mais por lá e então as mulheres saem em busca de trabalho para ajudar a família. Muitas são ambulantes nas ruas. A

Duliana mesmo, sentada em sua sala, ainda antes de começar as gravações, me contou que vendia café da manhã nas ruas de Porto Príncipe. Mas, não conseguiu sobreviver com isso. Quando ela viu muitos de seus colegas migrando, ela decidiu fazer o mesmo em busca de melhores oportunidades de trabalho. “Em Cuiabá, consigo sobreviver melhor”.

Bairro Areão, Cuiabá. Em uma kitnet, número 87, toda azul, a primeira porta é a casa de Duliana. Uma sala, cozinha, quarto e banheiro, mora ela, seu marido e sua filha, a pequena Ana de quatro anos. No depoimento sobre emprego, ela disse que no começo achava estranho trabalhar o mês todo e receber o salário apenas no final do mês, mas que agora já está acostumada. Com cerca de oito milhões de habitantes, o Haiti é o país mais pobre das Américas, pelo menos 80% da população vive abaixo da linha da pobreza.

Em um momento da minha conversa com essas mulheres comeci a perceber o modo de vida delas. Elas moram quase todas em comunidades haitianas. O Carumbé é um bairro onde se localiza a penitenciária do estado do Mato Grosso, uma região periférica, muitas ruas não têm asfalto. É comum ver por ali haitianos subindo e descendo a avenida Dante Martins de Oliveira, a principal do bairro. Já o Areão, possui creches que rodeiam o lugar. Se escuta músicas de igreja, gritaria de crianças saindo da aula e brincadeiras na porta de casa. É um bairro familiar. Os haitianos costumam morar um perto do outro, eles formam uma rede de apoio, ajudam um ao outro de várias maneiras. Todas foram muito receptivas, queriam mostrar suas casas e suas pequenas conquistas.

Antes de realizar as gravações eu conversava dias com elas. Conheci várias mulheres, mas as que deram mais abertura ao contar suas vidas, foram minhas cinco testemunhas. Foi difícil não me envolver com as histórias que elas contavam. Com cada uma eu queria ajudar de alguma forma e assim aconteceu. Até hoje eu converso com elas e acabo visitando de vez em quando. Para a Chantal, uma semana depois da gravação, levei brinquedos ao seu filho, o Fernandito, de apenas cinco anos. Quando ele desembalhou o presente e viu uma bola, ficou encantado. Seus olhos brilhavam e ele logo disse, “tia, você joga comigo?”. Mas, sinto que tudo isso ocorreu por que tive uma conversa prévia com elas. No início de março comeci a ir ao Centro Pastoral do Migrante sem nenhuma pretensão, apenas para me familiarizar com o local e com essas

peessoas. E de lá as vidas foram se cruzando, me deparei com muitas mulheres por ali fazendo longas tardes de conversas e que renderam uma gravação posteriormente. A Chantal além de aceitar gravar, fez questão que eu fosse em sua casa.

Já com Marie, que foi minha primeira gravação, nos encontramos no centro. Todas as vezes que eu ia ao estúdio, ela estava no mesmo lugar vendendo seus produtos. Na Avenida Getúlio Vargas, esquina com o Banco do Brasil. E então não tinha lugar melhor para mostrar o seu cotidiano. Assim foi.

Com a Duliana e Margalie ocorreu diferente. Para conhece-las, contei com a ajuda de uma fonte. Conheci muitas pessoas que desenvolvem algum tipo de trabalho com a comunidade haitiana em Cuiabá. Dentre essas pessoas está o Rafael Lira, que foi uma das principais referências para eu conseguir bons contatos. Além do crioulo, ele fala francês, o que facilita a comunicação com as haitianas. Atualmente, o Rafael dá aulas de português para eles de maneira voluntária e isso acabou sendo uma boa oportunidade para que eu conhecesse mais algumas mulheres.

Era noite, quando chegamos em um sobrado branco do bairro Areão. Estávamos subindo uma escada estreita que leva a parte de cima da construção, lá, a imagem com um plano geral, mostra que ali, funciona uma igreja dos haitianos dessa comunidade. Toda decorada com flores de papel vermelha, cartazes colados na parede com frases em crioulo, bancos de madeira e de plástico terminavam de compor o ambiente. Todas as segunda-feira, às 18 horas da noite, o lugar vira a escola de vinte haitianos. Português, todos vão até lá para aprender nosso idioma. E no meio de todos os adultos, uma criança. A pequena Ana de quatro anos me fez conhecer sua mãe, a Duliana. E quando estavam terminando suas atividades, Margalie veio até mim de maneira curiosa, mas tímida. Começamos a conversar e ela disse que seu sonho era contar sua vida para outras pessoas.

As imagens in loco, na qual realizamos as gravações dizem muito sobre elas. São parte do cotidiano de cada uma, elas conhecem o lugar e por isso, se sentiram mais a vontade em mostrar aquilo que fazem todos os dias. Marie com suas vendas no centro de Cuiabá. Chantal em sua casa no bairro Carumbé, uma pequena quitinete de três cômodos onde moram cinco pessoas. Duliana, morando no bairro Areão, uma quitinete também pequena, mas que moram somente ela, marido e filha, além de ser organizado e com muitas decorações, o espaço traduzia muito quem era ela. Já Margalie, residindo no

fundo de uma casa. Um cantinho de quatro peças, que tem espaço suficiente para ela, o marido e seu cunhado. E Mureille trabalhando em dois serviços.

Algumas coisas me inquietaram enquanto jornalista neste processo de produção. A questão do machismo que citei antes, diz respeito ao que vi no fim de tarde que passei com a Margalie. Ao chegar em sua casa, percebi que o seu português não era fluente de fato. Mesmo assim, muito educada e fascinada com a câmera, ela trouxe cadeiras e montou o cenário. No quintal, duas cadeiras, uma para ela e outra para o seu marido, Joseh. Ao sentar, ela disse “espera só um pouco que meu marido já vem”.

Uma mulher sonhadora, que adora escrever, faz poesias sobre sua vida, sobre os haitianos que chegam e vão embora. Mas no meio dessa linda história está Joseh. No meio do seu testemunho a câmera fecha em um plano detalhe do seu rosto. Os olhos de Margalie se enchem de lágrimas. Ela me contou que já tem um filho no Haiti, mas que agora está grávida. “Eu não queria ter filho, mas ele quis”, conta ela, apontando para seu marido. Quando terminamos o testemunho, partimos para as gravações do que ela faz. Me convidou para entrar na sua casa, abriu seu caderno de anotações e a maneira que eu ia fazendo perguntas, seu marido traduzia em crioulo. “Calma”, dizia ela para Joseh. Ele estava falando alto e grosso as traduções que ela não entendia. Foi aí que percebi em meio desse diálogo o autoritarismo e desrespeito do homem.

Já no caso das mulheres que trabalham, notei que elas só desempenham suas funções porque é necessário para sobreviver, para colocar comida em casa, caso contrário, essa é uma função do homem. Contudo, depois da migração, a vida delas mudaram e esse conceito também mudou um pouco. Evoluiu, elas podem sair para trabalhar, contribuir com as despesas da casa e essas são suas conquistas.

Sempre utilizando duas câmeras, uma no plano geral e a outra nos detalhes, consegui imagens in loco, que destacavam suas emoções nos testemunhos e que valorizavam o som ambiente. Mureille, que foi a última filmagem, pude ambientar seu local de trabalho com os focos em detalhes. O som da água, que saia da torneira, por exemplo e batia nos pratos que ela lavava, realçou a importância que dei aos sons.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este filme acompanhou durante os meses de março e abril de 2018, o cotidiano das mulheres haitianas que migraram para Cuiabá. Pudemos compreender como foi a experiência da migração, o que é ser mulher haitiana em Cuiabá, quais foram e ainda são suas dificuldades e o que as afetem. Mostramos um pouco de suas vidas, com as filmagens in loco dando importância às testemunhas de cada uma.

O processo de construção deste filme se aplicou no modo de jornalismo cinematográfico. Para isso, as bases teóricas utilizadas, aborda o cotidiano sendo um acontecimento na vida delas. O objetivo de contar a história dessas mulheres que lutam para sobreviver em um novo lugar foi sendo alcançado, a partir das gravações.

As contribuições das professoras Ivana Bentes e Manuela Penafria foram necessárias para uma análise metodológica do modo e estilo do filme. O entendimento sobre o que é um documentário, sobre o processo de filmagem in loco e a edição dessas imagens.

A fim de angular a noção de acontecimento, os autores Louis Quéré e Vera França e as noções entre Comunicação e Cotidiano da fenomenologia social de Alfred Schutz e do pragmatismo clássico de John Dewey foram a teoria.

Neste sentido, toda essa base teórica foi necessária para chegar ao subtítulo “O filme em construção: temática e narrativa” e contar em forma da Ivana Bentes a construção do tema e narração de minha produção. Situando um olhar cinematográfico e ambientando o leitor as filmagens in loco, me deduzi em analisar um processo que ainda está em construção.

As gravações com as cinco testemunhas que formam meu filme foram finalizadas. Como diretora, tentei me apropriar o máximo do in loco, editando e manipulando as imagens para apresentar as testemunhas, mas também adentrado ao cotidiano com os planos sequências em que o tempo escorre, contínuo. O processo segue agora para elaboração da estrutura do roteiro e edição, ou seja, a montagem, que para isso é preciso uma reflexão profunda e coerente. Desejo seguir essa mesma proposição, “a dimensão produtiva dos territórios, as linhas de forças que os atravessam, a potência de invenção e de fabulação em torno dos espaços sociais, capazes de produzir modos de vida e linguagens” (BENTES, 2012, p. 10).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BENTES, Ivana. **O Imaginário da laje e as formas do sensível**. XXI Encontro da Compós, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2012.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. **Reconstruction in philosophy**. Boston: Beacon Press, 1948.

FRANÇA, Vera. **O acontecimento e a mídia**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, 2012.

OLIVEIRA, Pedro Pinto. **De Schutz a Dewey: comunicação e cotidiano**. 2017.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: história, identidade, tecnologia**. Edições Cosmos, 1999.

PEREIRA, Ana Carolina. 2016. “**Mulheres-cineastas: uma estética da diferenciação nas primeiras décadas da história do cinema**”. In *Atas do V Encontro Anual da AIM*, editado por Sofia Sampaio, Filipe Reie e Gonçalo Mota, 388-393. Lisboa: AIM.

QUERÉ, Louis. **A vida do acontecimento: por um realismo pragmatista**. Pág. 21 à 38. IN: FRANÇA, Vera. *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

QUERÉ, Louis. TERZI, Cédric. **Os fundamentos sensíveis da experiência pública**. IN: FRANÇA, Vera. e OLIVEIRA, Luciana. de (orgs). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do sensível**. Estética e política. São Paulo, 34, 2005.

SANTOS, MacelleKhouri. **Um olhar sobre o jornalismo: análise da representação do jornalismo no cinema hollywoodiano, de 1930 a 2000**. 2009. 116 f. Tese (Mestrado em Jornalismo) - Centro de Comunicação e Expressão Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. 2009.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis (RJ): Vozes. 2012.

SCHUTZ, Alfred. **O estrangeiro: um ensaio em psicologia social**. Tradução de Márcio Duarte e Michael Hanke. Revista espaço acadêmico, n. 113. Ano X. 2010.